A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano II—Numero 99 | Preço avulso 1 Escudo | 12 Paginas

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

O Leão n.º 13!

Carlos Sobral, o querido desportista lisboeta sucumbe ao seu 13.º leão, que depois de ferido o ataca e fere de morte.

LER DENTRO BRILHANTE COLABORAÇÃO de André Brun, Feliciano Santos, Ferreira de Castro, Leitão de Barros, Tomaz Ribeiro Colaço, etc.

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 99

LISBOA 5 DE DEZEMBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA *O DOMINGO ilustrado*

DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*

REDACÇAO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N. -EDITOR *JULIO MARQUES*—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

Má língua

Passarão a passarinhos!

(a Alfrêdo Pimenta)

Meu amigo.
Na Epoca de ha dias
li um artigo seu—tão inflamado!—
onde criva de agudas ironias
um grande fallador muito fallado.

Evidenciou-se num dos taes almoços
dados a figurinhas figuronas,
em que nem sempre escapam os carcços
ao destino cruel das azeitonas;

refeições de caracter partidario
onde a Consciencia, o Verbo, o Coração,
assumem um relêvo extraordinario
dada a fraternidade,—e o carrascão.

Sobre a peroração desse senhor
—comêta ás voltas pelo céu politico—
ribomba a sua verve com fragor
causticando-lhe o «espirito analytico».

Emquanto alguns depenicavam sobras
disse-se «constructor», todo altaneiro...
Chama-lhe o meu amigo «mestre de obras»;
—era peor se fosse gaioleiro.

Mais conta o seu relato, a desdobrar
essa onda de ironias com que avança,
que elle todos procura aconselhar
a agarrarem-se á arvore da Esp'rança.

Ora, Alfrêdo Pimenta, aqui, nós dois;
decerto perdoará,—não concordamos.
Agarrar-nos á arvore? E depois!?
Quem me dera pousado nos seus ramos!

Pois não vê que essa nova iniciativa
é linda, e sã? Se a não tomou, tomasse-a.
Viva a arvore! Hurrah! Bravo! Viva!!
Já de aqui estou a vêl-a. E' uma accacia.

O' Escólas! Semeai a ideia santa
pelos sete rincões de Portugal!
—Senão de aqui a nada a gente é tanta
que não chêga uma Zona Florestal...

Por que sanha, a meu ver mal entendida,
se insurge contra esta orientação?
Por que motivos não lhe agrada a vida
de passaro, a que todos passarão?!

Então não será doce—oh suave ideia!—
a gente não pensar em fazer fato,
nem temer as agruras que receia
se se inclina a pensar no Inquilinato?

E não agrada ás almas mais serenas
—nem essas estão livres de penar...—
a certeza de que, se teem penas,
são pennas... a valer, para voar?

Guindar a uma arvore as maçãs do rosto
é logico; e na logica ha bellezas...
Verá como lhe passa o seu desgosto
se ouvir a opinião do Camoezas...

Deglutiremos muita coisa escura
num «five-ó-clock»... volante e chilreado?
Mas ao menos o lixo, nessa altura,
não precisa de ser panificado.

Por mim, palavra, sinto um alvoroço
que me domina, quasi me suffóca...
Ai! Quantas bicadinhas no pescoço
me renderá o amor de uma pardóca?

Verá, Pimenta, que não é pathêtico...
Verá que é bom 'scutar, dos nossos ninhos,
a voz de um alto «espirito synthético»
que depois de um almoço assim diurético
préga candidamente aos passarinhos...

TAÇO

Crónica alegre

POR ANDRÉ BRUN

PESSOAS COM SORTE E PESSOAS SEM SORTE

Todas VV. Ex.as têm visto nos coliseus um automovel amarelo que, vindo desencadeado das alturas da cupula por uma rampa, a qual a certa altura se interrompe, por esse facto rebola no ar ou de traz para deante ou de deante para traz. Acaba o automovel por ir cair sobre uns amortecedores onde a sua viagem termina. Chama-se a isto o «Automovel fatal» «o Reboliço da Morte» e é sempre o ultimo numero da ultima parte.

Agora o que VV. Ex.as nunca viram e não tornarão a ver tão cêdo é um senhor desmaiado dentro dum automovel atravessar a recta Alexandre Herculano, chegar á rua Rodrigues Sampaio, derrubar como um furacão a paliçada a que tanto amador de musica se tem encostado para ouvir os melodiosos accordes do «baile das sopeiras», ser projectado no espaço, tal qual o «Reboliço da Morte», e ir finalmente cair nas terras inferiores e a uma distancia consideravel.

E, quando os pavidos mortais, que a scena tinha contemplado, desceram a ver o que restava daquele bólido singular, calculem o assombro deles ao ver que o snr. desmaiado não tinha ferimentos de maior, pode dizer-se que estava quasi ilêso.

Factos destes vêm novamente trazer á discussão o caso da sorte. Ha pessoas com sorte? Ha pessoas sem sorte? Evidentemente este snr. a quem endereçamos os nossos mais sinceros parabens deve levar uns poucos de dias para acender as lampadas que tem em Méca. Gente sem sorte? E' ás toneladas. Neste caso, por exemplo, o snr. sem sorte, nem chegava ao tapume onde a musica se escuta aos pares. Mal fosse a atravessar a linha dos electricos da Avenida, um Lumiar com o guarda-freio nos dentes dar-lhe-ia tamanha cacaqueirada que quando no dia seguinte a familia da vitima viesse com o frasco do cola-tudo á espera de reconstituir um pouco o desditoso moço, nem poeira encontraria.

ALMOÇOS DE HOMENAGEM

Segundo leio nos jornais, raro é o dia em que se não batem os «tourne-dos» dum almoço de homenagem. Os meus contemporaneos são muito mais prestimosos do que eu proprio supunha. Muitos dêles têm faculdades ignoradas que só o velho amigo de infancia que fala em quinto logar na altura dos brindes nos consegue revelar. Enfim. Estou convencido que eu proprio, se não estivesse doente e resguardado em casa, já teria tido pelo menos dois almoços, pois o não ter feito nada ultimamente já é uma qualidade. Os meus amigos e são muitos —tenha tido ensêjo de o apreciar agora—não deixariam de me dar essa prova comestivel do seu afecto e da sua admiração. Mas,—a ideia não será nova; mas é pratica—porque nesta época de vida cruelmente cara não se substitue esta solenidade de almoço por uma dadiva de caracter intimo?

Que dizem ao sobretudo de homenagem? Um rapaz é cheio de méritos. O que tem é pouca roupa. Porque não se hão de juntar os seus amigos e oferecer um destes casacões que até arreliam o Bóreas, uns que têm pêlos a sair por cima e botões da largura dum pires de chá? E a renda da casa de homenagem? E a conta da botica de homenagem? Depois deixar-se-ia ao homenageado o cuidado de escolher a homenagem que lhe fizesse mais arranjo. Um dizia: «Já que os meus amigos me querem obsequiar, este mez fazia-me um arranjão o remonte do «palhetame» dos meúdos e um chapelinho modesto lá para a patrôa». A outro dizer-se-ia:—«Parabens! Lá vimos publicada a sindicancia em que o meu amigo é ilibado de toda a culpa. O que toma?»—«E ele responderia:—«Um fatinho de fantasia em cheviote da Covilhã».

Que dizem á minha ideia? Olhem que não é tão estupida como á primeira vista parece.

ANDRÉ BRUN

LER O NUMERO ESPECIAL

NATAL

CRONICAS POR

ARTUR PORTELA
NORBERTO LOPES
ANDRÉ BRUN

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Ecos

A emigração

No decurso da semana passada e da anterior, sairam de Portugal centenas, talvez milhares, de homens válidos, que vão tentar fortuna em terras estrangeiras. A eloquencia dos numeros é desoladora, impressionante. Nada justifica a necessidade de abandonar um país como o nosso, de baixa densidade de população e com inexgotaveis recursos, para ir tentar a sorte em terra alheia.

As familias de portugueses que deixam Portugal levam um pouco de próprio sangue da Patria, que definha, exgotada por tão repetidas sangrias. Portugal, graças a Deus, ainda não precisa de transfusão de sangue, mas urge acudir-lhe, antes que seja tarde demais para lhe valer.

Lisboa nas trevas

Lisboa é a mais mal iluminada capital da Europa. Esta verdade não sofre discussão. No cérebro dos vereadores ainda não se fez luz no que respeita a êsse grave problema da luz. Nêstes dias de invernia, quando o vento, aos repelões, quási apaga os candieiros de gaz, ainda mais se nota o contraste entre as outras capitais e a nossa. E' preciso iluminar Lisboa, enchê-la de «placards» e anúncios luminosos, crear-lhe um ambiente nocturno digno da sua categoria entre as cidades. Que o Terreiro do Paço, mancha de sombra maior entre a grande sombra da cidade que desce desde as casarias da Graça até á beira do rio, não pareça mais aos olhos do estrangeiro que pela primeira vez, vê do mar uma especie de bandeira da nossa terra. Uma bandeira de treva não fica bem ao povo que abriu os olhos ao mundo.

Aos nossos agentes

Estando a Administraçao deste jornal a proceder ao seu balanço para fechar as contas do ano que finda em 31 deste mez, pedimos aos nossos agentes tanto de Lisboa como da Provincia o favor de nos mandarem as sobras que ainda tenham em seu poder. Aos nossos agentes de Lisboa pedimos, que no 1.º sabado de cada mez, a fim de facilitar os nossos serviços, entreguem aos distribuidores as sobras do mez anterior, a fim de evitar-nos os transtornos daí resultantes.

A ADMINISTRAÇÃO

DESINTERESSE

—O senhor é acusado de matar uma pobre mulher que não tinha nada de seu....
—Isso prova bem o meu desinteresse, Sr. Juiz....

PERSPICACIA

—Oh Zé, a quantos estamos hoje?
—Vê a data ali no jornal!
—Não serve, este jornal é de hontem!

NO TRIBUNAL

—Porque roubou o réu esta carteira?
—Com franqueza, Sr. Juiz....
...porque julgava que tinha alguma coisa dentro..

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

Pagina Alegre por Xisto Junior

A lucta do luto da tia do Xisto

TINHA visto nos jornais que o meu homonimo Xisto havia perdido uma tia sem esperanças de a recuperar. Os jornais ocupavam-se da perda da tia de Xisto, anunciando, não alviçaras a quem a encontrasse e quizesse entregá-la, mas que os parentes mais chegados cumpriam o doloroso dever, etc., etc., etc.

Quando encontrei Xisto pela primeira vez, depois do lutuoso acontecimento, corri a abraçá-lo e dar-lhe os meus sentimentos.

—De ti aceito e agradeço—disse Xisto, retribuindo o abraço.—Sei que tens sentimentos e podes darmos, que não te fazem falta. Mas ainda agora recusei aceitar os dum sujeito, que toda a gente considera homem de poucos sentimentos e que—coitado!—se dispunha a ficar desprevenido só para me ser agradavel.

Louvei a generosidade de Xisto e passámos á ordem do dia.

—Então, vamos lá a saber o que é que a tua tia te deixou?

—Nada! Nem pena! — disse Xisto, com uma serenidade fria.

Eu como sei que o Xisto, por sua natureza, é muito chistoso, tomei o caso de brincadeira e insisti:

—Quê? Não te deixou nem uma lembrança?

—Sim, uma lembrança deixou-me. Lembro-me perfeitamente dela: era baixa, gorda, viuva e tinha um geito no olho esquerdo.

—Mas a respeito de herança? Nem um pequeno legado?...

—Ah, um legado! Sim, deixou-me um leopardo.

—Um leopardo?—estranhei, recuando, como se Xisto trouxesse o bicho no bôlso do casaco.

—Um leopardo, efectivamente, mas em que estado de conservação! Não imaginas: Não tem nada dentro, espalmado como um bacalhau e todo debruado a fita encarnada. Eu, se não fosse por ofender a memoria da pobre senhora, nem acreditava que aquilo tenha sido alguma vez um leopardo.

—Ah, percebo é um tapête!

—E', mas com tantas falhas no pêlo que estou a ver que tenho de comprar um capachinho para o tapete'

Reparei, caminhando ao lado de Xisto que ele nem sequer trazia fumo no chapeu ou gravata preta.

—Vejo que a tua tia não te deixou, efectivamente, pena de qualquer espécie.

—Deixou-me pêlo, como já te disse Pêlo de leopardo avariado. Penas só deixou ás criadas, a quem legou dois periquitos embalsamados, um papagaio que se houvesse justiça já o estava, e três canarios, dois dos quais são pintasilgos.

—E', então por causa disso que tu não trazes luto pela tua tia?

Xisto, como acontece ás personagens dos folhetins mal traduzidos do rancês, de palido que estava tornou-se livido e teria de encostar-se a uma cadeira para não cair, se tivesse alguma ali á mão. Com voz mal segura disse-me muito baixo:

—O luto!—Oh, não me fales em luto!...

Tomamos pela Avenida da Liberdade e eu, aproveitando estar com a mão na massa, tomei a liberdade de pedir a Xisto que explicasse o misterioso

terror que dele se apossara, ao ouvir pronunciar a palavra luto.

* * *

—Vais ouvir e depois julgarás. Tenho a certeza de que, depois do que vou contar-te, me dás razão, aplaudes e segues talvez o meu exemplo de repudiar o luto.

Assim falou Xisto, firme e convicto, e tendo alugado por um pataco-ouro duas cadeiras do Asilo da Mendicidade, dispuzemo-nos, com toda a incomodidade, eu a ouvir e ele a contar.

—A minha falecida tia — começou Xisto—quando contava vinte anos era, segundo rezam as cronicas da familia que eu não posso declarar apocrifas, uma menina nova e suficientemente solteira, o que em geral acontece ás meninas que não casaram até áquela edade. Uma das melhores prendas era o cabelo, não porque o possuisse basto, louro e sedoso, mas porque bordava paizagens capilares com tal perfeição que até pareciam pinturas do cabelo. Em escama de corvina, missanga e contas era uma artista a bordar, tendo até obtido uma menção honrosa, não me lembro em que exposição industrial.

—Pobre senhora!—murmurei compungido.

—Mas se fosse só isso!—continuou Xisto. A minha infeliz tia tambem trabalhava cortiça a canivete. Fez neste genero de arte uma Torre de Belem tão parecida que só lhe faltava salvar a passagem dos navios. Esta Torre de Belem teve uma influencia decisiva na sua vida. Um alferes de lanceiros, que mais tarde deveria ser um pacato general reformado e que ia ás noites a casa dos meus avós jogar a «glória» a cinco reis, tomou de assalto a Torre de Belem de cortiça e o coração de minha tia. Ela fez-lhe, a lapis, o retrato a cavalo, ele fez-lhe versos á Soares de Passos e quando um e outro já não tinham mais nada que fazer, casaram para fazer alguma coisa, ainda que fosse uma asneira.

—E foi?—interrompi, ancioso e comovido.

—Não. Foram até muito felizes e d'ahi é que veio a desgraça da minha pobre tia. A' medida que subia de posto, o marido da minha tia promovia-a tambem na sua estima e consideração. Quando minha tia era já generalmente estimada, aconteceu o meu tio adoecer com o «vómito negro». Ao principio não fez caso, porque, como fôra de lanceiros e tomara parte em várias campanhas de Africa, tinha *lançado* muito negro, varias vezes, sem outras consequencias além das condecorações respectivas. Mas o vómito pôz-se cada vez mais negro e minha tia achou-se viuva em menos tempo do que eu levo a dizê-lo.

—Infeliz senhora!—tornei a murmurar.

—Se há viuvas inconsoláveis, minha tia foi uma viuvissima inconsolabilissima. Tomou um luto tão rigoroso, que chegava a fazer honra á sua imaginação lutuosa.

«Como morava na praça da Alegria entendeu que a residencia não condizia com a situação de viuva e mudou-se para a rua das Pedras Negras.

«Só comia carne fumada e feijão preto, tudo coisas lutuosas, e o unico dôce que admitia á sobremeza eram «crépes».

«Em tudo o que estava ao seu alcance imprimia o tom funebre do luto; deixou de assinar o nome que usava em casada, Maria Clara de Sousa Branco, e abriu um novo sinal, escolhendo o cartório do tabelião Grilo (por o grilo ser preto) para esse efeito,

passando a chamar-se Maria Escura de Sousa Negrão.

—Isso é que era uma luta pelo luto! —exclamei com sentida admiração.

—Mas ainda não é tudo—continuou Xisto. Tinha um gato preto e uma criada da mesma côr. Empregou capitais numa agencia funeraria e numa fabrica de graxa exclusivamente preta. As janelas nunca se abriam e a casa estava sempre cheia de fumo, porque o fumo é sinal de luto.

Eu quási não podia acreditar no que ouvia, mas Xisto a cada passo interrompia a narração para jurar pela saude da defunta que estava dizendo a verdade e fazia-o com tão sincera convicção que me ficava mal não o acreditar.

—Ah, meu amigo, nem tu calculas o que eu sofri á pobre senhora durante o luto que sempre a acompanhou, desde que, por um conjunto especial de circunstancias, passou de casada a viuva. Via tudo negro: a primavera, o sol, os destinos do paiz! Dia a dia o seu luto se tornava mais pezado e a cada nova manifestação lutuosa parecia ficar mais triste por não poder exteriorizar completamente a sua tristeza.

—Mas tu disseste que ela tinha um papagaio, que naturalmente era verde...

—Minha tia quiz enverniza-lo de preto, mas o bicho resistiu, declarando que, não sendo politico, não mudava de côr. Ela então contentou-se em pôr-lhe um fumo na aza, que é o braço dos papagaios, e em vez de lhe chamar o «meu louro», chamava-lhe o «meu negro». O animal, como era brasileiro, estava habituado á expressão e não encavacava.

«Todos nós, os da familia, supunhamos que com o decorrer dos anos a mania lutuosa fosse passando. Mas isso sim! Refinava!

«Em materia de alimentação foi ao extremo: só comia pão escuro, usava açucar mascavado e bebia vinho tinto e chá preto. O vinho ou vinho do carvoeiro (sempre o negrume) ou por simpatia e afinidade era Colares «Viuva Gomes». A unica vez que consentiu em beber *champagne* foi por lhe garantirem que era *Veuve Cliquot*.

—Tu exageras, Xisto!

—Não digo nem dez por cento da realidade! Ora tu sabes que dez por cento, hoje, não é nada. Quem exagerava era ela.

«Tu vais vêr o resto e pasmarás. O seu horror ao branco era tão grande que quando queria dizer aquela adivinha do «branco é, galinha o põe», dizia sempre: «branco é, mas não devia ser, galinha o põe». Dava caneladas e encontrões nos moveis para se encher de nódoas negras.

«Enfim, em tudo o luto predominava. As roupas brancas eram pretas, na cama, na meza, no lavatorio e no corpo, de maneira que só se conheciam que estavam sujas quando começavam a embranquecer.

«Tanto luto e tão pezado havia de ter um fim. E teve-o, bem tragico. Ha duas semanas, quando a creada preta lhe entrou no quarto para lhe dizer que já era noite e que minha tia podia levantar-se, encontrou-a estendida no chão, reduzida á espessura duma folha de papel.

—Como assim?

—A pobre senhora morrera esmagada debaixo dum luto tão pezado.

XISTO JUNIOR

Curiosidades

O RUBI DE CATARINA II

O govêrno sueco negoceia com os *soviets* a compra dum rubi enorme, o maior do mundo, que pesa 250 carates e foi oferecido em 1780, por Gustavo Adolfo, á imperatriz Catarina II. Como o rubi foi incluido entre as preciosidades artísticas e jóias históricas que os *bolchevistas* resolveram ultimamente vender aos estrangeiros, a Suécia deseja, naturalmente, reaver a jóia que pertenceu ao seu tesouro real. O peor é que um grande minaralojista russo, o professor Forsman, declarou que êsse rubi, longe de uma gêma pura, valendo pelo seu tamanho uma fortuna, é um simples *rubylis*, pedra de qualidade inferior, que talvez não valha algumas centenas de dólares. Calcula-se que esta afirmação do sábio não é agradável, nem aos russos, que terão de baixar o preço do rubi; nem aos suecos, cujo amor próprio deve estar ferido, ao saber que a sua *valiosa* joia «intrujou» o mundo inteiro, durante um século e meio.

A ESTÀTUA DE RODOLFO VALENTINO

Rodolfo Valentino será, segundo parece, o primeiro actor de cinema que terá a sua estátua. Os habitantes de Castellaneta, sua cidade natal—que são cêrca de dez mil—resolveram erguer-lhe um monumento de mármore, por subscrição pública.

O corpo do artista vai ser trazido para Itália, onde repousará, em Castellaneta, no jazigo da familia do grande «az» do cinema.

VENDA DE MULHERES

No Ouganda, uma boa esposa custa, em média, quatro touros, uma caixa de cartuchos e seis agulhas de cozer. Uma mulher cafre, segundo a sua categoria social, vale desde duas a dez vacas. Na Tartaria, o marido compra a mulher ao pai, por manteiga. Entre os Mishmis, um homem rico paga a sua esposa por vinte bois, mas, se é pobre, pode comprar uma mulher por um porco. Em Timorlan, não se compra uma mulher sem se darem uns dentes de elefante. Entre os Fidjios, dá-se um dente de baleia.

OS PEIXES MAIS FECUNDOS

Segundo o *Annual Report of the Fishery Board of Scotland*, a trochoela ou lota, vulgar nos mares franceses, é o peixe que produz mais ovos: uns vinte a trinta milhões. Depois vem o cherne, que chega a produzir entre nove e dez milhões. Uma certa variedade de pescada e o bacalhau produzem até sete ou oito milhões. Estes números, porém, são os do extremo limite e variam segundo a idade e o tamanho dos peixes. Nos arenques, o número de ovos varia de vinte a cincoenta mil; em dezasseis animais examinados, a média ultrapassava trinta mil, o que representa uma bela fecundidade. A azevia é pouco produtiva: põe trinta a sessenta mil ovos. A lira põe apenas algumas centenas de ovos, mas o macho toma conta dêles e coloca-os numa especie de bôlsa situada perto do abdomen.

A Padroeira de Paris

PARIS, a cidade—sonho de todos os lisboetas, tem por padroeira, por sua protectora, Santa Genoveva, que nasceu em Nauterre, nos arredores da «*ville lumière*» no ano de 433 ou de 434, isto é, no tempo em que a dita cidade não merecia o luminoso cognome, e quando estava no trôno o primeiro rei dos Francos, Clodion, o Cabeludo.

O pai da futura santa chamava-se Severo—nome romano—e sua mãe era Gerôncia—nome gaulês. Nauterre era, nessa época, um pequeno burgo dos arredores de Lutécia, ou seja, de Paris. Os pais da santa eram agricultores, como a maior parte dos habitantes de Nauterre, e viviam como gente abastada. Este dado bibliográfico contradiz a lenda, que nos apresenta Genoveva como uma rapariga do campo. Tambem Joana de Arc é apresentada como pastora e, no entanto, a História apurou que ambas pertenceram a familias de certa distinção e fortuna. Em tôdas as mais antigas imagens e estampas onde a santa figura, esta nos aparece vestida de pastora, guardando o seu rebanho.

Há poucos esclarecimentos precisos sôbre a vida e as acções da piedosa Genoveva de Nauterre, padroeira dos parisienses. De caracter absolutamente histórico só existe um documento: uma vida de Santa Genoveva, de autor desconhecido, mas que deveria ter sido escrita dezoito anos depois da morte da santa. Pondo de parte a lenda e a hagiografia, que sempre enriqueceu de fantasias a vida humilde dos santos, pode dar-se crédito aos seguintes factos:

Em plena infância, Genoveva teria chamado a atenção do bispo de Anvers-São Germano e do bispo de Troyes, que se dirigiam a Inglaterra, para combater a heresia dos Pelasgos e, tendo parado em Nauterre, predisseram o glorioso destino da predestinada criança.

Em 453, quando Genoveva tinha entre vinte e vinte e dois anos, os hunos, sob o comando de Atila, invadiram a Gália e ameaçaram Paris. Os barqueiros, pescadores, hortelões e vinhateiros que constituiam a população da cidade, quiseram fugir com as mulheres e os filhos, levando o que pudessem. Genoveva, sabendo que nas últimas invasões bárbaras tôdas as cidades que resistiam aos invasores eram respeitadas e que as que se vendiam eram vitimas do saque, aconselhou a resistência e convenceu os parisienses a ficarem na sua ilha, protegida por um primitivo sistema de defeza, que bastou, no entanto, para quebrar o vigor da onda bárbara. Mais tarde, Lutécia foi cercada por Meroven. O cêrco durou muito tempo; há cronistas que falam em dez anos. A população passava fome, da mais negra. Então Genoveva equipou onze barcos, que fez subir o curso do Aena e do Sube até Troyes e Arcis-sur-Aube, donde trouxeram o trigo necessário. Conta-se que, juntamente com as suas amigas, Santa Anda e Santa Coelinia, jovens nobres de Meaux onde a familia de Genoveva tinha propriedades-a padroeira de Paris tratava por suas próprias mãos do fabrico de pão para os sitiados.

Childerico, pai de Clovis, cercou tambem Paris e preparava-se para infligir os mais duros castigos aos prisioneiros, quando Santa Genoveva intercedeu por êles. O pai de Clovis, conhecedor da sua fama de santidade, mandou pôr os cativos em liberdade.

Foi por iniciativa de Santa Genoveva que os parisienses elevaram uma basílica no local onde o seu bispo, Demp, com os seus companheiros Rustico e Eleutério foram decapitados. Foi essa a origem da famosa basílica Saint-Demp, onde floresceu o estilo gótico, em todo o seu explendor.

Teria sido ela quem inspirou a Clovis a idéa de construir, no monte Lucolitius, uma igreja em honra dos apostolos Pedro e Paulo, igreja onde, mais tarde, foram depositadas as reliquias da santa e que foi o nucleo da abadia de Santa Genoveva, que deu o nome á colonia.

As cinzas de Santa Genoveva encontram-se na igreja de Saint-Etienne-du-Mont, onde, em janeiro de cada ano, se celebra uma novena em sua honra.

Esta é a biografia histórica da sânta. A' margem da História, veem milagres: curas de cegos, de surdos-mudos, de paraliticos, etc. Diz-se que, nos últimos dias de vida, ia, logo ao amanhecer, com algumas amigas fieis, para a igreja, rezar; a neve, o vento e a chuva apagavam os cirios que levavam, para iluminar o caminho, entre o crepusculo matinal. Como os parisienses de então ainda não tinham fósforos, ver-se-hiam as piedosas senhoras em sérias dificuldades para reacender os cirios, se não se desse o caso de Santa Genoveva ter o dom de os acender, tocando-lhes com a ponta dos dedos.

Como Joana d'Arc, Santa Genoveva era alegre e risonha. Os factos históricos a que a sua vida anda associada fazem crêr que tinha um forte poder de simpatia e que irradiava encanto. Só assim se explicam as victórias conquistadas apenas pelo seu poder de persuasão e suave eloquencia.

Os quadros de Pavis de Chavannes e os de Jean-Paul Laurens, quadros que se encontram em Paris, no Panteon, formam bem esta idéa, apresentando dela uma imagem onde a bondade resplandece

A PELE HUMANA

Um sábio calculou que a pele humana tem 7 milhões de buraquinhos, chamados poros, e que o comprimento total dos vasos espalhados pelo corpo humano, se fossem ligados uns aos outros, seria de 54 quilómetros, um pouco mais do que dez léguas.

VELOCIDADE DE VÔO

O pombo percorre cêrca de um quilómetro por minuto e pode facilmente transportar 400 quilómetros, com uma velocidade média de 40 quilómetros á hora. O maximo, em velocidade e tempo, pode ser de 50 quilómetros á hora, durante quinze horas. No entanto, êste maximo é raro.

Um oficial russo, o snr. Smoiloff, enviou alguns anos antes da guerra alguns falcões que sabiam fazer as vezes de pombos-correios, transportando mensagens. Uma média de 50 quilómetros á hora, em vôo seguido, é uma velocidade vulgar para o falcão, e há mesmo casos de 1000 quilómetros percorridos em menos de dezaseis horas. O falcão tinha, além desta vantagem sôbre os pombos-correios, a de conseguir voar mais alto, estando portanto menos exposto aos perigos, durante o percurso. Tambem pode transportar mais pêso (cêrca de 1640 gramas) sem que o seu vôo diminua de velocidade. No entanto, o pombo, pela facilidade com que se educa, é ainda o preferido para auxiliar do homem.

UMA EXPERIÊNCIA CURIOSA

Os americanos quiseram provar que não é sem razão que alguns intelectuais, ao quererem atingir qualquer objectivo no acto de compor ou de resolver qualquer problema, crispam as mãos, contraem os «biceps» e, dum modo geral, enteiriçam os musculos. Para demonstrar que êsses esforços, aparentemente inúteis, correspondem a uma maior tensão de espirito, a Universidade de Chicago fez a seguinte experiência: Quatro estudantes foram encarregados de decorar listas de palavras e de somar colunas de algarismos. Fizeram êste exercicio num estado normal de repouso físico e sustendo numa mão um pêso de 5 quilos. Constatou-se que a rapidez e a exactidão do trabalho aumentavam sensivelmente quando os estudantes acompanhavam com um esfôrço físico o trabalho mental.

ANTROPÓFAGOS POR DEVER

Certos povos acham que uma maneira de provar o seu respeito pelos velhos consiste em comê-los. Fazer uma refeição com carne do inimigo morto e assado é testemunhar respeito que êste, apezar de tudo, merece. Entre os Yondoulis, que vivem na Austrália central, quando dois esposos são separados pela morte, o que sobrevive deve comer o outro, e comê-lo sósinho. Quanto maior é o apetite que revela, maior é a prova de amor e de pezar

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

La Folie du Jour

Desde a aparição ruidosa de Iosephine Baker na «Revue Nègre» que Paris delira com as "etóiles noires„. Ji estão em moda as «c loured girls», que desbancaram as francezitas com o curso de dança dos Conservatorios, as loiras «miss s» londrinas, as que o Caucaso e a Bohemia atiram para França com o distico: Artigo de Exportação.

Até as da aristocracia russa, que pareciam monopolisar as atenções dos «blasés», perderam o seu prestigio. Josephine Baker, que lançou a moda, mantém todo o seu imperio ainda no Folies B rgére, numa revista cujo titulo é simtomatico: La Folie du Jour. Agora o Music-Hall des Champs Elysées montou uma revista de Henri Folk, «Olive chez les nègres» ou «Le village blanc».

Há artistas negros entre os representantes da revista, nos intermédios e até no Jazz.

Refere a «Comedia» que a estreia das "étoiles noires„ Jessil Craword e Alegretti Anderson foi triunfal e que «leur plastique, pleine de grâce et de finesse», foi admirada pelos criticos Ginisty, Edmond Seée Nozière. E no dia seguinte ao da primeira representação, os anuncios do teatro estampavam a celebridade de duas novas estrelas, com os adjectivos maximos que endeosam os grandes artistas da scena parisiense.

E' uma onda avassalante. Teremos em breve todas as tonalidades nos teatros de Revista, desde os peles vermelhas do Far West até ás parda entas do Labrador . . .

E veremos as «maori» da Nova Zelandia. Virá gente da Patagonia, da Terra do Fogo.

Por emquanto estão em moda o «ébano» e o «acajou» . . .

E as «étoiles noires» já se não conteem na Cidade Lux. Alastram.

Uma «troupe» composta das Southern Delights, Miss Reavis, Willie Robbins e Honey Boy Thompson dirigiu-se a Genebra. Levava todas as novidades, incluindo o «Black Bottan».

A imprensa, porem, não lhes foi favoravel. Que lhes importa?

Voltarão a Paris. Irão a Londres, a Berlim, a Viena. E quem sabe se virão cá? . .

CARLOS ABREU

palestras de café...

A critica e o teatro

QUANDO ha alguns anos—não muitos—a critica se interessou vivamente pelo teatro, acompanhando-o em todas as manifestações, e marcando, reflexamente, os seus impulsos e as suas cobardias, houve quem supuzesse, tão penetrante era por vezes a analise, que se tratava duma cabala, com intuitos pouco claros.

A critica sufocava o teatro—dizia se. Exigia dele um maximo de beleza, que o quadro exiguo dos nossos artistas e dos nossos dramaturgos não comportava. Atacou-se o sistema comparativo de exegese, tão notavel e brilhantemente empregado por Taine. Chegou-se mesmo a organizar a luta contra o teatro e os autores estrangeiros, classificando ambos de indesejaveis e de criminosos. A irreflexão foi grande, e dela nasceu uma luta tremenda, em que se pretendeu ferir a critica ou, pelo menos, desconjunta-la. Mas a favor ou contra quem se dirigia a acção inteligente, viva, tenaz e renovadora dos criticos dramaticos? Naturalmente, honestamente a favor dum grande teatro portuguez, cujas mais altas frondes tinham sido abatidas na clareira dos interesses, sob o machado de rachadores de letras, improvizados, que pretendiam impor o salario do seu trabalho, sem cuidar do valor da sua obra.

O original portuguez—mediocre, reproduzindo a ideia da peça em sucesso de Paris, ou *pochade* dos sentimentos da grey, com falsas pinceladas de regionalismo, dadas em meia duzia de vocabulos—tão atacado foi, que desapareceu. Mas não era isto que a critica pretendia. A sua violencia, se é que a houve, dirigiu-se apenas contra aqueles dramaturgos que, só pelo falso principio de patriotismo, de camaradagem ou de solidariedade desejavam que nós lhes absolvessemos as peças, que o instinto popular repelia e a inteligencia media do expectador culto, lido, viajado, conhecia de cór, logo no enunciado da primeira scena. Foi então que a critica, melhor, parte dela, julgou seu dever tomar a atitude de expectativa, em que vimos vivendo ha um ano. Atitude de condescendencia passageira e não de transigencia demorada. Atitude, insistimos, que aguarda uma resposta decisiva dos autores portuguezes, a quem se dá tempo para crear, e apoio para triunfar.

Ainda este ano os criticos não tiveram uma manifestação do teatro portuguez. Ela aparecerá, a julgar pelos originais que as empresas anunciam. Que venha e que seja pelo brilhantismo, pela afirmação, pela beleza—capaz de igualar com o teatro estrangeiro, explorado em demazia.

Bem sei que ele está em moda—moda obrigatoria e fatal. Mas a culpa, é preciso dizê-lo, não pertence aos criticos. Pertence aos emprezarios que, aproveitando o desfalecimento episodico do original portuguez, naturalmente mais caro e mais facil de examinar,—porque a nossa visão pelo conhecimento das figuras, instintivamente se apura,—lhes dá ensejo a furtarem-se a papeis de responsabilidade e a pezados encargos materiais, de todos conhecidos.

Mas o teatro, como todas as artes, comporta sacrificios. E' uma batalha de energias—e não uma parada de cabotinismos. O proscenismo é um templo. Ainda estão de pé as colunas doricas da tragedia grega . . . A mascara de Cassandra, fascinada pelo oiro funebre das cinzas dos Atridas, parece de novo querer-se imolar na morte antiga dum furor homicida, inextinguivel de sangue.

E se já não ha traços que a reproduzam, confiemos todos no triunfo da beleza que, mesmo mutilada como a vitória de Samothrace, ergue, eternamente, suas azas de sonho, altivas e fortes, onde o mar canta, a vida canta, e o amor canta tambem, atravez das idades e do tempo . . .

ARTUR PORTELA

ARTISTAS NOVOS

Georgina Cordeiro, uma das mais lindas das nossas actrizes, 1.º premio da Escola d'Arte de Representar, que alcançou grande sucesso nos papeis de ingenua nas Companhias Lucilia Simões, Palmira Bastos e Maria Matos, e que ha cerca de 2 anos percorre as nossas possessões Ultramarinas em tournée Artistica, obtendo grande exito no genero musicado.

"O HOMEM E OS SEUS FANTASMAS„

Com o mais unanime sucesso de critica a Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, acaba de levar á scena, em versão de Alvaro de Andrade, a peça «O Homem e os seus fantasmas» de Lenormand. A obra formidavel teve, na primeira scena portuguesa uma montagem modernista que foi louvada pelos mais representativos nomes da nossa critica. Podendo discutir-se ou discordar-se da orientação plastica desse espectaculo, ha no entanto que reconhecer-se imparcialmente que, dentro da imensa insuficiencia material do palco do Teatro Nacional, ele representa um esforço invulgar e coroado de pleno exito dentro do ponto de vista seguido.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A casa dos moveis dourados

Uma novela inedita do brilhante jornalista Ferreira de Castro, admiravel de emoção, humana, pungente e intensa.

A grande casa, explendorosa, opulenta, com as suas salas forradas de espelhos e povoadas de moveis dourados, intimidara a Maria Joana, que se sentia ali abandonada e agredida por toda aquela vasta riquesa. Ela era tão humilde e nascera em berço tão pobre, que essa deslocação de meio, em vez de constituir alegria, tansformava-se em mal-estar.

E os seus gestos resultavam timidos, o seu olhar estava sempre pousado no chão e nas suas palavras havia sempre reticencias.

— E' mesmo uma provinciana! — dizia M.me Lobato, ao vel-a assim tão pequenita, tão rosada e indecisa.

Pouco a pouco, porem, Maria Joana foi-se adaptando á sua nova vida—e seus bracitos começaram a curvar-se, solicitos, carinhosos, sobre o ultimo filho de M.me Lobato.

Ela tinha apenas nove anos, era orfã e na sua alma havia um grande sentido de obediencia ou passividade.

E o unico seu parente que morava em Lisboa, uma velha tia, sempre que a visitava, dizia-lhe:

— Tens muita sorte, pequena! Quem dera uma casa como esta a tanta gente pobre que ha para aí! Foi sempre a vontade dos senhores, pois podes ter um grande futuro. Esta gente rica, quando morre, deixa sempre uma lembrança a quem a serviu—uma lembrança que ás vezes sobe a muitos contos de reis. Ouviste?

— Sim, minha tia.

— E vê lá como tratas o menino! Nunca o deixes cair e nunca o deixes chorar...

— Está bem, minha tia.

E Maria Joana, assim orientada, fazia prodigios de sua inteligencia infantil, para que a creança, para que o «menino», tivesse em seus braços o conforto e o bem-estar dum berço de sumauma.

E quando ele completou um ano de existencia, ela, transbordante de ternura, encostava-o a uma cadeira, com mil cuidados para que não caisse, e ia postar-se a distancia, a gritar, a pedir:

— Aqui, aqui menino! Ai que o meu rico menino já sabe andar! Vá; venha aqui!

E estendia-lhe as mãos, os braços, a atrail-o, a fascinal-o.

E depois, quando ele ensaiou o primeiro monosilabo, Maria Joana, com verdadeira precocidade maternal, entregava as suas horas a arrancar-lhe palavras de sons confusos, quasi incompreensiveis.

— Vá! Diga: Pa-pá! Pa-pá! Ai o meu rico amor, que já diz papá! Quem é aquela? An? E' a mamã... Diga: ma-mã! Ma-mã!

Maria Joana era tão carinhosa, tão meiga, que M.me Lobato chegou a estimal-a. Nunca lh'o dissera; mas sempre que tinha de falar dela ás suas amigas, afirmava:

— A pequena é bôa, lá isso é! Imaginem que nunca tratou por tu ao meu Rafael! E é ela, por assim dizer, que o tem creado. Nem parece sair ao pai, que era um grande bebado!...

* * *

O Rafael cresceu, entrou na adolescencia, quando Maria Joana estava já a meio da sua mocidade. Ela vivia quasi que enclausurada ali, com a unica preocupação de ser agradavel a M.me Lobato, aos seus «senhores».

Nunca tivera um namoro: os poucos homens que a cortejavam foram por ela repudiados, porque pressentia que

—Aqui, aqui menino! Ai que o meu rico menino já sabe andar! Vá; venha aqui!

se lhes correspondesse M.me Lobato não ficaria satisfeita.

A sua alma estava cheia de resignação e, ao ver o destino de muitas outras mulheres, aceitava como uma oferenda preciosa a calma existencia na casa explendorosa.

Ela era agora a criada de sala, a conservadora dos moveis—sobre a epiderme envernizada dos quaes não se podia quedar um unico atomo de pó, sem que M.me Lobato se não irritasse.

Maria Joana trabalhava de manhã até alta noite—e muitos dias tivera de ir para a cosinha substituir as outras creadas, que, por não lhe agradarem os amos, se despediam bruscamente.

Mas Maria Joana tinha a estimulal-a o seu passado: o ter criado Rafael, «o seu menino», que acabava de completar o curso dos liceus. Esses elogios que faziam a Rafael por ser bom aluno constituiam um motivo de orgulho para Maria Joana, como se a inteligencia e aplicação dele a ela pertencessem tambem.

Um dia, porem, Rafael notou que Maria Joana não era feia e que a juventude não se expatriara ainda daquele corpito delicado, franzino, que o embalara na infancia.

De inicio, a ideia dum galanteio parecera lhe quasi incestuosa; depois, esses escrupulos desapareceram e ficou apenas o desejo—o desejo de conquistal-a, de possuil-a...

A Maria Joana, as primeiras palavras dele, equivocas, ardentes, confundiram-na, assombraram-na.

E quedou-se na penumbra do corredor, a olhal-o, a olhal-o, sem encontrar a resposta, o gesto a tomar...

E quando ele se afastou, quando ele voltou á normalidade, tudo aquilo lhe pareceu extranho, inverosimil.

— Mas era possivel? Era possivel que Rafael, que ela trouxera ao colo, se atrevesse...?

Nos dias seguintes, porem, ele insistiu, coleou em redor do assunto; insistiu tanto, fez tantas promessas, que conseguiu afastar do espirito de Maria Joana a visão da sua infancia para fazer triunfar apenas a ideia de que se tratava dum homem, do qual era necessario ela defender-se...

Calculado assim o problema, a vitoria não foi dificil. Um dia, um beijo furtivo fez despertar a mulher que existia naquela creaturita humilde, timida e carinhosa, para quem a casa opulenta tivera até ali os vetos e a renuncia dum velho convento.

E outro dia, dominada pela carne e fascinada pelas palavras dele, Maria Joana entregava-se irremediavelmente...

* * *

O amor de Rafael durou pouco. Maria Joana principiou a andar com os olhos macerados pelas lagrimas, derramados ocultamente ao longo do corredor ou sobre os travesseiros do seu quarto. Sentia, compreendia que os braços de Rafael só a abraçavam quando lá fora, na rua, na cidade, outras mulheres não achegavam aos seus os labios dele. Compreendia tambem que de todas as promessas feitas nenhuma subsistia já, não porque Rafael se desmentisse, mas porque o seu procedimento, a sua friesa, a sua indiferença e até a sua situação social eram constantes afirmações de negativismo, de repudio ás primeiras horas do amor...

E como sempre, em circunstancias identicas, um dia Maria Joana verificou que estava gravida...

* * *

— A senhora chama-te—disse a creada de quarto.

Maria Joana correu para os aposentos de M.me Lobato. Esta estava com um rosto severo, quasi feroz, e dispensou-se mesmo de responder aos «bons dias, minha senhora!» que Maria Joana lhe dera.

— Mandei-a chamar — disse, secamente e abandonando o costumado tratamento por tu—porque me constaram umas coisas, porque soube...

Hesitou em completar a frase.

Via-se que ela se esforçava por escolher as palavras, por traduzir duma forma superior e altiva o seu pensamento.

— Sim, constaram-me umas coisas... Escuso dizer-lhe o que é, porque para vergonha já basta, e porque você deve saber muito bem aquilo a que eu me quero referir...

— Não sei, minha senhora...—balbuciou Maria Joana, palida, confundida.

— Alem de tudo o mais, é hipocrita —disse despresivamente M.me Lobato.

E como Maria Joana ficasse calada, tranzida:

— Está dispensada do meu serviço. Hoje mesmo deve deixar esta casa... Vou mandar dar-lhe um conto de reis, para que trate da sua vida, com a condição de que nunca mais persiga o meu filho, o Rafael...

— Minha senhora!—exclamou, entre uma cascata de lagrimas, Maria Joana —Eu nunca persegui o menino. Ele é que...

— Sei tudo—atalhou M.me Lobato— não quero ouvir mais nada.

— ...Ele é que... prometeu casar comigo... E agora, que eu estou gravida...

— Gravida? E quere dizer que é do meu filho?

— Pois de quem havia de ser, minha senhora?

— Cale-se! Cale-se! Não quero conhecer essas porcarias! Pode se lá saber quem é o pae do filho duma mulher como você!

— Minha senhora!

— Saia! Saia imediatamente!

Vencida, humilhada, sem que a sua timidez lhe permitisse encontrar o justo argumento, a recordação da propria verdade, Maria Joana obedeceu. E logo que sobre ela se cerrou a porta, M.me Lobato, com uma expressão de asco, exclamou:

— Ora não faltava mais nada! O meu filho casado com uma sopeira!

FERREIRA DE CASTRO

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O que morreu de amor

As primicias literarias dum nosso leitor que nos conta, com emoção sincera, um caso verdadeiro, ingenuo como a propria vida.

TRÊS anos vivi naquelas terras. Três anos que eu, em cada dia, desejava vêr findar e que hoje lamento se não tivessem prolongado.

Quantas vêses, á janela do meu quarto, quando a lua despindo o seu manto de nuvens, vinha beijar de manso as mansas águas do Liz; quantas vêses me quedava horas, extáticas, contemplando o severo perfil do velho castelo. E quantas vêzes julguei desenhar-se nas muralhas daquele templo de glorias a figura magestosa de Afonso Henriques.

E ele chorava, o heroi, ao vêr a Patria que creára, enquanto que o velho castelo, em sinal de dôr e respeito, abandonava as suas pedras ao abismo, como se quizesse suicidar-se...

Sómente de longe em longe o som triste duma guitarra que algum estudante tangia, e que a pouco e pouco ia esmorecendo, vinha perturbar os sonhos do passado.

Mas o dia da partida chegara e, ao contrario do que eu antes supunha, veio encontrar-me bem triste.

Acompanharam-me á estação alguns rapazes amigos, e entre eles o meu inseparavel companheiro de todas as aventuras, o Carlos Monteiro, «o Romantico».

O sol recolhera ao castelo e pelo caminho as camponêsas que voltavam aos lares iam cantando canções simples, duma dolencia ritmica, que a nossa algasarra de rapazes travessos mal deixava perceber.

. . . .

Eis-me dentro do comboio. A rapasiada, com o Monteiro á frente, numa algasarra enorme, despéde-se, recordando esturdias passadas. Ouve-se o terceiro sinal de partida; o monstro move-se, um ultimo adeus, e a estação de Leiria começa a fugir com os estudantes, com o Monteiro, com as capas amigas a acenarem-me ainda ao longe, até desaparecerem.

Já só se via a torre de menagem do velho castelo, que á falta de capa me acenava com os raios de sol poente que lhe atravessava as fendas, como feridas de um heroi moribundo. E por ultimo, nada, alem do rodar da carruagem que voava...

* * *

Carlos Monteiro acabara no ano seguinte o curso em letras. Fui esperal-o á «gare» do Rocio... e então pelo caminho, até a minha casa, onde ele provisoriamente se albergou, fômos recordando as nossas horas de angustia naqueles terriveis fins do mês, em que o maldito correio parecia comprazer-se em tardar com as nossas mesadas; os momentos deliciosos á tardinha pelos arredores de Leiria, á «cata» das raparigas...

E com a recordação das raparigas perguntei-lhe pela sua Maria Olinda, a unica rapariga que fizera do voluvel Monteiro o «Romantico».

Que estava boa, frisava ele com entusiasmo. Continuavam a amar-se doidamente, e lá tinha ido á estação despedir-se dele, com as lagrimas nos olhos, suplicando que não se esquecesse dela.

No dia seguinte fômos almoçar fóra, depois do que abancámos a uma meza do Martinho, saboreando uma chavena de café, enquanto liamos os jornaes. Um anuncio bisarro, como muitos que o «Noticias» insere todos os dias, chamou a atenção do Monteiro, que a gargalhar me convidou a ler.

O anuncio em questão era o duma vidente que sabia adivinhar o passado, o presente e o futuro.

E o Monteiro, nunca desperdiçando um bom bocado, nem se esquecendo das tradições de Leiria, convenceu-me a acompanhal-o á casa da tal vidente.

Calçada da Gloria acima... S. Pedro d'Alcantara... e Praça do Rio de Janeiro...

* * *

Naquele segundo andar da Rua do Monte Olivete. exercia Madame Orient o seu mister de mulher de sciencias ocultas, que a troco de dez escudos punha as calmas em alvorôço.

Batemos á porta. Uma criada idosa veio abrir. Perguntámos pela senhora... Mandou-nos entrar imediatamente para uma sala, misteriosa, como misterioso era tudo que ali se encontrava, desde os quadros extravagantes dependurados nas paredes até áquela jarra de ouro e malaquite, que melancolicamente se escondia por detraz dum velho contador italiano.

Todo aquele gabinete diabolico despertava no meu amigo o anseio que a custo o sustinha.

Ao fundo, num tapete persa, uma cadela felpuda, cheia de desalento, resonava despreocupada.

Nisto, uma porta range, um reposteiro antigo tremeu, dando passagem a uma mulher fina, aspecto nervoso, a denunciar arrancos de alma, imprevistos e instantaneos—Madame Orient.

Cumprimentamo-nos, e como o Monteiro ameaçasse cada vez mais largar uma estridente gargalhada, eu, com uma enorme paz de espirito, medindo matematicamente as frases, expliquei a Madame Orient o motivo que nos levava a querer conhecer as suas altas virtudes.

O meu amigo queria saber, do seu passado e do seu presente, que ele sabia de cór e salteado, e tambem do seu futuro.

Num silencio sepulcral, Madame Orient, depois duma concentração misteriosa, dispoz as cartas em cruz. Rezas, mais rezas, mais cruzes, cartas metodicamente, caprichosamente alinhadas em filas... Tudo isto me enervou. Aquele ambiente esmagava-me o cerebro, atrofiava-me a alma, sufocava-me... Só o meu amigo ria...

A certa altura Madame Orient, com

Madame Orient, depois duma concentração misteriosa, dispoz as cartas em cruz:

um sorriso a brilhar nos seus labios carminados, começou:

— Uma mulher de dinheiros pequenos por quem V. Ex.ª está apaixonado. Amam-se muito... está pensando em si e V. Ex.ª nela. Mas há questões de familia...

E exausta, como se estivesse fazendo um esforço colossal, vivendo apenas dos seus grandes olhos deslumbrantes, negros, infinitos, em que havia brilho de punhais, a voz de Madame Orient écoou tragicamente:

— Haverá sangue... muito sangue... a morte... dum homem por causa dela... Questões de familia...—e nada mais adeantou.

A chama dum fogão salpicava de vermelho os pratos arabes, tomando ainda mais tragica aquela scena.

Eu estava pelos cabelos, maldizia a hora em que o meu amigo deparara com o bizarro anuncio de Madame Orient. Fechei os olhos com força, como os loucos suicidas que temem o arrependimento ao correrem céleres para o abismo.

O meu amigo epilogou a consulta da vidente, que se mostrava fatig com uma gargalhada de troça...

E lá fora, respirando o ar puro da Patriarcal, o meu amigo Monteiro ainda ria a bandeiras despregadas, apreciando os dotes pessoais de Madame Orient

* * *

Tempos passaram. Nunca mais tive noticias de Carlos Monteiro desde que foi para Paris em missão de estudo.

* * *

Uma noticia lacónica publicada há dias num jornal diz-me numa linguagem fria, tétrica, perversa, selvagem, que o Carlos Monteiro se suicidara.

O caso, segundo relatava o jornal, causou sucesso, e a verdade é revelada:

Carlos Monteiro enamorara-se duma rapariga pobre—a Maria Olinda—O amor que em breve se enraisou no coração de Carlos era prejudicado pela oposição da familia da Olinda, que duvidava da sinceridade do academico, dada a diferença da situação, como se logicamente o amor conhecesse retoricas, convencionalismo e fronteiras.

Por sua vez, Carlos não desanimava, e para tranquilisar a familia da sua apaixonada empregou-se como caixeiro numa loja de vidros—ele que tinha o curso superior de letras!—e escreveu ao pai a pedir-lhe autorisação para desposar a mulher amada.

A resposta do pai não podia ser outra senão conselhos para que desistisse da sua loucura, porque uma mulher, dizia ele, não merecia aquilo. Passaria... a paixão havia de morrer e ficaria a lama, a carne... Que esquecesse portanto e não fosse louco, que não destruisse o seu futuro...

Novamente insistiu, e como não viesse resposta, foi ele proprio a Leiria ter com o pai. Insistiu... teimou... e como fosse recebido hostilmente, partiu. Refugiou-se na mata, onde no dia seguinte foi encontrado sem vida, suspenso do galho duma oliveira.

* * *

Um Outono trouxera aquele amor, e outro Outono o levára!

* * *

Cumpria-se a fatidica profecia de Madame Orient.

ERNESTO ALBINO PEREIRA

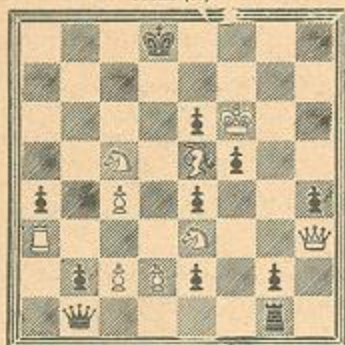
PREVIDENCIA

—Então, Calino, a vida são dois dias... Estira-te aqui a gosar o bom sol!...
—Não meu amigo, vou trabalhar. Quero juntar algum dinheiro para gosar á doida no ultimo ano que tiver de vida...

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 99

Por V. Marin (Espanha)

Pretas (11)

Brancas (9

As brancas jogam e dão mate em tres lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 98

1 D. 8 B D

Resolveram o problema n.º 97 os srs. Nunes Cardoso, prof. Sueiro da Silveira, Club Portuense, Grupo Damião de Odemira (Gremio Literario), Grupo de Amadores de Xadrez de Rio de Moinhos (Abrantes).

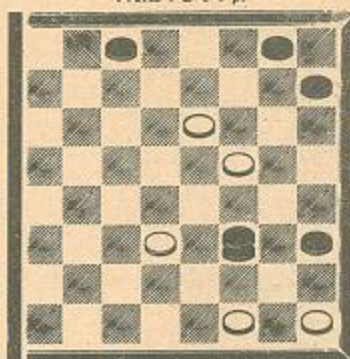
TORNEIOS DO GREMIO LITERARIO:—No Grupo de xadrez «Damião de Odemira», trabalha-se na organisação de um torneio entre os mais fortes amadores do Grupo. Inscrever-se-hão, provavelmente, os srs. dr. J. M. da Costa (de Alpiarça), A. M. Pires, dr. A. Joyce, dr. Travassos Lopes, E. M. Pellen e dr. M. P. Machado.

Egualmente se pensa em organisar um torneio de soluções de problemas que se realisará, provavelmente, pelo Natal.

Solução do problema n.º 98

	Brancas	Pretas
	10-14	7
2	3-12	?
3	21-25	?
4	12-20-13-6-15-8	5-1 (D)
5	2 6	1-15-4
6	25-29	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 99

Pretas 1 D e 4 p.

Brancas 5 p.

As Brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 96 os srs.: Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), José Magno (Algés), Sueiro da Silveira, Vitor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado por Um Anonimo da Beira, muito nosso conhecido e estimado colaborador.

Toda a correspondencia relativa esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

O que se lê

DESCAMINHO—versos de João Cabral do Nascimento.

Versos limpidos, castos, duma serena e doce melancolia. Apontamentos de emoções leves, que não deixaram sulco eterno. Pressente-se que este poeta canta sem a convicção de que será ouvido. Numa ou noutra poesia, um certo desalinho metrico revela apenas despreocupação literaria, ausencia de «metier».

João Cabral do Nascimento é um poeta, indiscutivelmente. Qualquer dos seus versos lhe dá direito ao titulo. O seu ultimo livro, este «Descaminho» de resignada tristeza, é uma obra que deixa na alma um perfume impreciso e bom, perfume de rosas murchas, numa gaveta de recordações... A grande simplicidade de expressão de algumas poesias só um poeta feito a atinge sem esforço evidente, com a elegancia e o «à vontade» que transparece nestes versos.

João Cabral do Nascimento foi daqueles poetas que abusaram de certas imagens demasiado aristocraticas e dum preciosismo muito rebuscado. Salvo erro, pertenceu àquele grupo de poetas que eram «tu cá tu lá» com princezas doentes, lagos verdes com cisnes imperiais, mãos em ogiva, livros de horas, infantas, pagens, etc., etc. Felizmente, o seu sentido critico permitiu-lhe libertar-se duma atitude literaria que, por ser demasiado contingente, estava condenada. Hoje, guarda apenas, dessa sua primeira fase, uma serenidade e uma sobriedade notaveis. Hoje é um poeta para todos os gostos, tão capaz de adivinhar beleza num grito de pavão dentro dum parque deserto, como num sorriso de mulher ou num gesto de criança.

Tereza LEITÃO DE BARROS

—

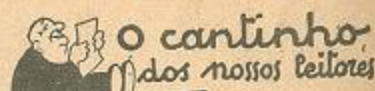
Do livro «Descaminho», de João Cabral do Nascimento, transcreve-se a seguinte poesia:

Tão alto puz a esperança
(como se fôra uma estrela)
que o meu olhar, para vê-la,
já não dorme nem descansa.

E essa luz no céu avança,
avança oculta, mas bela.
Assim o olhar, para vê-la,
Nunca a esperá-la se cansa.

Seculos passem, milénios,
rolem mundos, tombem genios,
que eu ficarei mudo e absorto.

Talvez a luz a mim chegue
Um dia, e os olhos me cegue...
Mas luz, dum astro já morto.

O cantinho dos nossos leitores

AS ROSAS E O PERFUME

O perfume das rosas e a sua séde variam conforme as especies. Em algumas, o perfume exala-se unicamente da corola ou do cálice; em outras, exala-se da corola e do calice. O estudo da séde do perfume, nas roseiras, permitiu constatar que, nas pétalas, é fabricado pelas células da epiderme onde está acompanhado de tanino e de matérias gordas, e nas partes verdes é o producto de pequenas glândulas pedicélicas. Quanto á variedade do perfume, há uma infinita gradação, desde as rosas de aroma característico até ás de aromas estranhos, ás que não teem quási cheiro e ás que quási cheiram mal. Há rosas cujo aroma é semelhante ao do musgo, do resedá, da violeta, do jacinto, do cravo, etc. Há outras cujo aroma recorda o de certos frutos, como o pecego, por exemplo. O próprio cheiro caracteristico da rosa varia segundo a estação, o clima, o calor e a luz, e é sensivel a tôdas as influências, até mesmo á das diferentes horas do dia.

A AVIAÇÃO E A AGRICULTURA

Um agricultor inglez alugou um aeroplano para regar um terreno com um producto que cura a doença das batatas. Assim, conseguiu concluir em vinte e cinco minutos, um trabalho que lhe levaria dois dias, pelo menos.

O TAPETE DOS IMPERADORES

O «tapete dos imperadores», assim chamado por ter pertencido a Pedro, o Grande, da Russia, e a Leopoldo I, da Austria, hoje avaliado em um milhão de dolares ou em vinte cinco milhões de francos, chegou aos Estados Unidos a bordo do transatlantico «California». Esteve exposto algum tempo no Museu Metropolitano de New-York. Foi tecido na corte do «shah» Safi, em 1550, e é uma das cinco maiores maravilhas da arte persa. Representa uma scena de caça bordada a vermelho; a orla é verde esmeralda. Tem 8 metros de comprimento por 3 de largura.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje as nossas secções de Charadas e Palavras Cruzadas, pelo que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Varia

A rainha da Romenia

ESTA rainha da Roménia, cujas memórias de viagem andam nas colunas do *Diario de Noticias*, e que se divertia na América enquanto o marido morria na pátria, é uma estranha figura de mulher. Mesmo que não fosse rainha, Maria da Roménia seria «alguem». Esta soberana peca apenas por excesso de personalidade, de intelectualidade. Uma rainha moderna deve ser uma figura apagada, um caracter amorfo, uma inteligência humilde, um pensamento servil. Por paradoxal que pareça, a verdade é que uma rainha de hoje é tanto mais rainha quanto mais escrava fôr, quanto mais desça em transigências, quanto menos senhora de si queira ser.

Maria da Roménia tem tido grandes desgostos de familia e sendo, como sua tia—a rainha Isabel, *Carmen Sylva* —uma intelectual, tem procurado na literatura e nas viagens o lenitivo das suas maguas. Tem algumas obras de indiscutivel valor, como, por exemplo, a que se intituia «*O meu país*» e que é um livro de amor, erguido em prol da Romenia. Publicou alguns estudos estéticos e mesmo artigos de moda. E' bela e elegante. Cultiva com brilho a pintura, tendo sido eleita membro da Academia de Belas Artes de Paris. Interessa-se pela politica, tomando parte activa nos negocios de Estado. E' muito caridosa e socorre prodigamente os pobres e os enfermos. Quando, por ocasião da guerra, os exercitos coligados da Alemanha e da Austria invadiram a Romenia, tendo a côrte que se refugiar em Jassy, na Moldávia, desenvolveu-se nesta cidade uma terrivel epidemia de tifo, durante a qual a rainha foi a mais desvelada e heroica das enfermeiras.

De tão excelsas qualidades não colheu a soberana uma feliz recompensa do Destino, que não a tem poupado. O seu filho mais novo, Mirceo, morreu de tenra idade. A sua filha mais velha, Isabel, casou com Jorge II, rei da Grecia (filho do rei Constantino) e está no exilio ha tres anos, desde que Alexandre Papanastasin proclamou a republica na patria de Homero. Seu filho mais velho, o celebre e estouvado principe Carlos, contraiu casamento morganatico com Zizi Lambrino, filha dum coronel romeno, contra a vontade dos reis, seus pais. Em plena guerra, desertou para ir casar em Odessa, que estava em poder dos inimigos do seu paiz. Mais tarde esse matrimonio foi anulado, e Carlos desposou a filha mais velha de Constantino da Grecia, a princeza Helena, de quem tem um filho, o principe Miguel, que conta apenas cinco anos e, apesar disso, é agora o herdeiro do trono, senão já o proprio rei da Romenia, visto aguardar-se, a todo o momento, a noticia oficial da morte do rei Fernando.

Ultimo retrato da rainha Maria da Roménia. A soberana tem o cabelo cortado e ostenta o seu colar de pérolas favorito.

Carlos da Romenia não se julgou ainda feliz com a sua segunda mulher, e para poder amar livremente uma tal Magda Lupescu, renunciou aos seus direitos á corôa, em favor de seu filho.

Como o rei Fernando é muito doente, a Romenia elegeu um Conselho de Regencia para resolver em qualquer eventualidade. Esse conselho é constituido pelo patriarca, pelo presidente do Supremo Tribunal e pelo principe Nicolau, que foi agora, juntamente com sua mãe e sua irmã—a princeza Ileana,—à America do Norte.

Na sua passagem para a America, a rainha Maria encontrou-se com seu filho Carlos numa entrevista cujo tom cordeal a soberana justificou, dizendo aos jornalistas que *a rainha nada esquecera, mas a mãe perdoara.*

Compensando um pouco os seus desgostos de familia, a rainha da Romenia teve a alegria de ver o seu pequeno paiz transformado, depois da guerra, na Grande Romenia, nação de dezassete milhões de habitantes, que compreende a Valaquia, a Moldavia, a Transilvania, parte de Banato e da planicie hungara, Bukovina, Besarabia e Dobrudela.

Em seu segundo filho, principe muito culto e simpatico, em suas filhas Maria—rainha da Yugo-Slavia—e Ileana, jovem encantadora, tambem a soberana romena encontra lenitivo para os desgostos que tem sofrido.

A recente viagem da rainha á America —viagem interrompida pelas tristes novas sôbre a saude do rei Fernando— foi alvo dos mais desencontrados comentarios. Falou-se em que ia á America para casar os filhos com multimilionarios... Falou-se que ia fazer propaganda para a emissão dum empréstimo de 50 milhões de dolares... Parece, no entanto, que foi apenas para gosar o prazer duma bela viagem, sôbre a qual tem escrito varias crónicas que a North American Newspaper Alliance adquiriu, para vender os direitos de publicação a alguns jornais europeus, entre os quais se conta o *Diario de Noticias*. O dinheiro que recebe pelas suas crónicas destina-o a soberana a fins benéficos, exclusivamente.

A rainha Maria da Roménia é neta da rainha Vitória de Inglaterra e do czar Alexandre II, sendo filha de Alfredo, duque de Saxónia-Coburgo-Gotha e de Edimburgo, e da grã-duqueza Maria da Russia. Tem três irmãs: a princesa Vitória, casada com seu primo, o grã-duque Cirilo, pretendente á corôa da Russia; a princesa Alexandra, casada com o principe Ernesto de Hohenlohe-Langenburgo; e a princesa Beatriz, esposa do infante Afonso de Orleans. E' prima direita da rainha Vitória de Espanha.

OS NOVOS

QUADRAS

Juraste me amor eterno,
Coisa que não sucedeu.
Mentiste! Vais p'ro Inferno!
Partiste! Fiquei no Ceu...

Ou foi do Homem sentença
Ou Deus que o determinou:
Mulher que acerta não pensa,
Se pensa não acertou...

São como o fumo bisarro
As ilusões desta vida!
Desfaz-se em cinsa um cigarro,
Queima-se outro em seguida.

Jesus por sêr pobresinho
Não deixou d'ir para o Ceu!
Deixas-me tu sem carinho,
Por não ter nada de meu.

Vergonha, tu?.. Porque não?
A vergonha dos espertos...
Escondes o rôsto na mão
Com cinco dêdos abertos!

A quem escolhe geralmente,
Pouco ou nada lhe sorri,
Só eu tão pouco exigente
Logo fui olhar p'ra ti.

Estranhaste que agradecêsse
As tuas cartas tão breves...
Mal de mim se não soubesse
Soletrar o que não escreves!

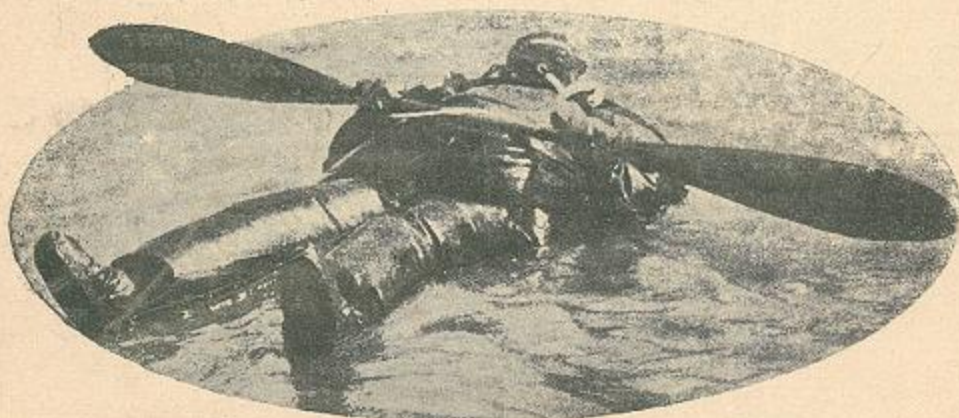
VASCO DE MATOS SEQUEIRA

Actualidades gráficas

UMA HOMENAGEM A MATOS SEQUEIRA

Aspecto do banquete que a Companhia Alves da Cunha ofereceu ao ilustre escritor e nosso colaborador sr. Matos Sequeira, digno comissario do governo junto do Teatro Nacional.

NO MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

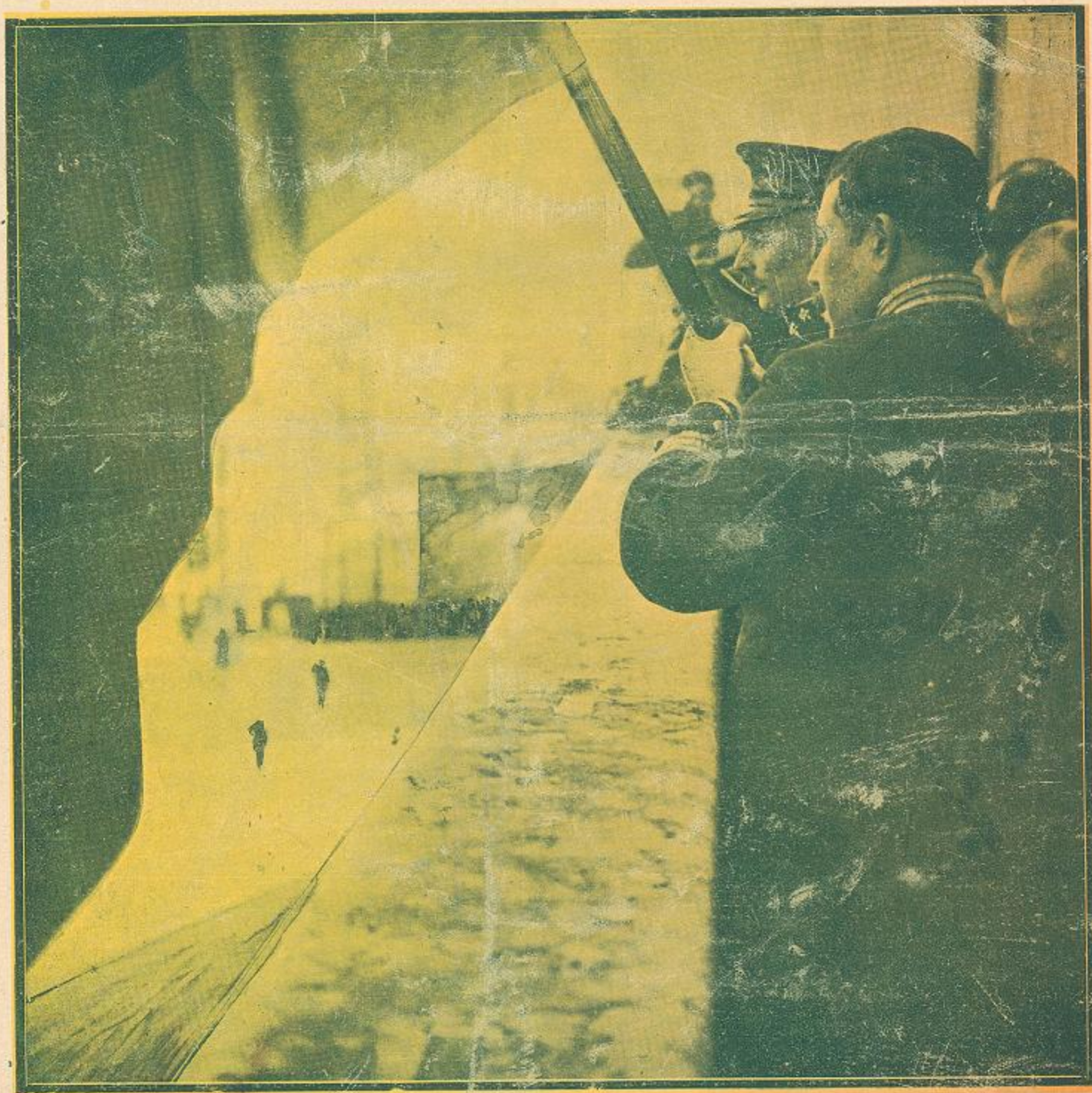
O general Hertzog, primeiro ministro da União Sul-Africana, com a sua comitiva e o ministro dos Estrangeiros dr. Bettencourt Rodrigues.

1.—NOVO DESPORTO.—Um australiano lembrou-se de utilisar um fato de mergulhador para navegar comodamente á superficie...—2.—A NATUREZA CAPRICHOSA.—Pitoresco aspecto da parte mais bela das montanhas rochosas no Colorado, que se assemelha a um orgão gigantesco.—3.—UM CAMPEÃO DE FOLEGO.—Interessante fotografia dum nadador que aguenta uma imersão de mais de um quarto de hora.

A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO 52$00 - SEMESTRE 26$00
ESTRANGEIRO
ANO 64$00 - SEMESTRE 32$00

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

A Presidencia da Republica

Momento em que o novo Presidente da Republica, general Oscar Carmona solta da janela do Palacio do Congresso o tradicional "Viva a Republica!"